



À NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

Guilherme era daquelas pessoas ambiciosas. Alto, 25 anos, sotaque carioca e muita malandragem. Sabe aquela pessoa que é capaz de fazer qualquer coisa para se dar bem? Assim era Guilherme.

Como se não bastasse esse lado antiético e nada profissional do rapaz, ele ainda costumava contar vantagens sobre os outros. Certa vez, marcara de se encontrar com uma menina com quem vinha conversando há algum tempo. Eles saíram por alguns dias, acabaram até namorando durante poucos meses, mas a moça cansou de ouvir as frequentes mentirinhas de Guilherme, e, assim como tantos outros anteriores, o relacionamento não deu certo.

Guilherme havia acabado de ser demitido da empresa onde trabalhava e foi curtir o carnaval em uma badalada boate na cidade vizinha. Poucos minutos após ter chegado, encostado no balcão, algo chamou sua atenção. Lindos cabelos lisos, loiros, que brilhavam com as luzes da pista e se balançavam conforme a moça dançava.

O jovem ficou encantado, apontou a beldade aos amigos, que concordaram com sua opinião. Ela não tinha cara de menina, mas traços fortes e marcantes, um sorriso perfeito, olhos claros e um corpo mais que sensual. Laís era o seu nome. Encantado, o rapaz puxou papo com a moça, que gentilmente retribuiu a simpatia, e ali começou um longo papo. Guilherme notou que Laís não era como as outras, tinha algo diferente que o enfeitiçou. Era como se ele tivesse repensado todos os seus conceitos.

A moça retribuiu os olhares e passou seu telefone. No dia seguinte, Guilherme mal podia esperar para procurá-la. Ligou, então, e marcou de se encontrarem em um belo restaurante da cidade. Após o almoço, ele a levou no escritório onde a moça trabalhava, e lá trocaram um longo e apaixonado beijo.

Totalmente bobo de amor, ele parou em uma loja para falar com um amigo, perto do escritório onde havia largado Laís, quando algo chamou sua atenção: uma frota de carros policiais vinha rapidamente em direção oposta. Todos na rua pararam para ver o que estava acontecendo, quando os carros estacionaram em frente ao prédio de Laís.

Guilherme não entendeu o que estava acontecendo e, preocupado, viu a moça se debater, enquanto os policiais a prendiam. Ao ver aquilo, foi imediatamente à delegacia, quase se contorcendo de preocupação. Quando foi esclarecer os fatos, encontrou a moça sentada, fichada, e na sua placa lia-se: “Carlos Eduardo Rodrigues, 20/02/2007”. É, parece que Guilherme aprendeu as consequências de uma mentira.